

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 17 de janeiro

A causa popular triunfa, e triunfa pela sua moderação. A côrte desesperada brama como o tigre porque vê fugir-lhe a preza que julgava segura nas suas cruentas garras.

Clamámos sempre á realza que fosse racional porque hia n'isso o interesse d'ella: disse-mos á rainha—«não mates o teu escravo; que depois morres de fome.» Não o entendeu assim, mandou-nos fuzilar, atormentou os nossos prisioneiros, considerou os homens como materia exploravel, como cifras que deviam entrar no seu orçamento de egoismo e ambição. A' vaidade d'um marido nescio, ao orgulho de um valido estulto sacrificou um povo inteiro, ateou uma guerra civil, juncou a terra de cadaveres, semeou os germes da prostituição e da miseria; que são esses os resultados inevitaveis da contenda em que se acha empenhado o paiz.

E não obstante isso a tyrannia não durou senão até ao dia em que se tornou assás oppressora para crear uma necessidade geral de resistencia; cahiu diante da solidariedade necessaria dos diversos elementos sociaes.

A côrte lamenta um facto que nós commemoramos com orgulho. E lamenta-o com razão. porque é o annuncio da sua morte. Esse facto é natural, é civilizador, é altamente moral, é um documento das nossas virtudes.

O paiz inteiro era victima de uma facção immoral, d'uma camarilha corrupta, e esse paiz estava dividido em bandos. O ministerio folgava com esta divisão, ria-se d'ella, promovia-a. Aqui proclamava-se a junta do Porto, ali o proscripto d'Italia. Só a rainha não tinha adherentes: o seu poder achava-se aonde acabava o dinheiro do thesouro!

Quando os miguelistas nos gerreavam, a côrte applaudia, e a rainha assignava decretos para sermos fuzilados por defendermos a sua corôa, por acclamarmos a carta. Saldanha es-

tendia a mão aos miguelistas, mandava-lhes dizer no seu boletim de Coimbra *duas palavras* de paz, e os liberaes eram os unicos inimigos que o governo da sr.^a D. Maria reconhecia.

Não cabiam tantos bandos no paiz, e o povo alinhou-se logo em liberaes e absolutistas—liberaes os do Porto, absolutistas os de Lisboa.

A junta do Porto arvorava o estandarte da paz, da liberdade e da concordia: o ministerio desenrolava a bandeira do exterminio.

Os miguelistas proclamavam um principio caduco, levantavam um pendão desconhecido, ao qual se oppõe as tendencias da época, as luzes do seculo, os progresso da civilisação.

Para que uma causa triunfe é necessario que esteja arreigada no coração do homem, que desperte o entusiasmo e os brios da mocidade, que falle ao sentimento e á virtude das massas, que assegure a subsistencia do proprietario e do capitalista sem o vexame do proletario e do industrial, que eleve o povo ás grandes acções, que lhe inspire o conhecimento da sua propria dignidade, e o faça assim concorrer para a felicidade commum.

E a causa de D. Miguel é a do passado que não volta—a da liberdade é a causa de Deus. O futuro é nesso, pertence-nos—pertence á mocidade, a essas esperanças da patria, que sabem conciliar as lidas de Minerva com as de Marte—a essa mocidade que sabe que os conhecimentos humanos tendem sempre para liberdade, e que os talentos do despotismo são os da parábula do Evangelho que o servo mau foi esconder debaixo da terra.

Vêde como a mocidade academica milita debaixo das nossas bandeiras!

Vêde a nobresa proscripta!

Vêde o povo todo a correr ás armas em nosso favor!

E não advertis como se unem agora estes elementos outr'ora rivaes?

A nossa aristocracia está toda da pate do

povo! A côrte da rainha é hoje uma côrte de rotos, ou é um deserto!

Esse commandante em chefe anda por ahi, e ninguem lhe tira o chapéo. Até o Saldanha prendeu gente por este facto! As acclamações com que victoriámos os nossos bons reis converteram-se n'um desdenhoso desprezo.

Mas a côrte esperava tirar partido das nossas divisões, e enganou-se.

Os dois partidos que guerreavam o ministerio uniram-se.

O ministerio estonteou com a noticia, e eillo ahi furioso a lançar mão d'uma taboa para se salvar, e essa taboa a fugir lhe. Ora faz uma cortezia aos miguelistas, e a nós cobrenos de baldões; ora dirige-nos a nós um cumprimento, concede-nos um logar entre os liberaes, e cospe injurias sobre os miguelistas; ora na exaltação do seu delirio nos confunde e nos fulmina os mesmos raios.

E nós vemos impassiveis barafustar o monstro. E' a agonia, é o transe da morte.

Unimo-nos sim, porque a perseguição do governo, porque os seus maleficios, eram comuns a ambos.

Unimo-nos porque em Torres Vedras saquearam as nossas casas, desfloraram as nossas donzellas, violaram nossas mulheres, degolaram os innocentes. E em Braga fizeram o mesmo ás nossas, e ás de nossos irmãos; que são irmãos todos os portuguezes qualquer que seja a sua crença.

E a nós nunca nos lançaram em rosto esse crime.

Ainda não se viu em Portugal vandalismo semelhante. O saque e a deshonra estavam reservados para este governo!

Se estes flagicios pesavam sobre nós todos porque não nos havíamos de reunir todos para esmagarmos os oppressores? Pois havíamos de estar de braços cruzados a deixar fuzilar nossos irmãos para esperarmos pela nossa vez? E houve governo tão estúpido que o esperasse?

A união é a defeza das nossas vidas e da nossa honra contra quem no-las ataca.

Se os miguelistas houvessem violado vossas mulheres e vossas filhas, como vós violastes as nossas e as d'elles; se tivessem saqueado as vossas casas como vós saqueastes as nossas e as d'elles, a união comnosco seria impossivel.

Se os miguelistas acclamassem D. Miguel ainda essa união seria impossivel.

A reunião importa a não acclamação d'aquelle principe—a união importa o reconhecimento da junta do supremo governo do reino.

Não se tracta da questão dynastica, e d'aqui tira o *Diario* uma serie de consequencias contra o throno da rainha.

Não é d'esse facto d'onde se deve derivar o perigo para o throno. *A corôa da rainha está jogada*, diz o *Diario*. E está! Já nós o dissemos ha muito, já o disse o *Journal des Débats*

orgão de Luiz Fillippe, mas esse perigo nasceu com a emboscada de 6 de outubro—foi ahi que a rainha jogou a corôa lançando á nação a luva que o povo levantou.

O throno está vago, a rainha abdicou no momento em que suspendeu a carta, em que se declarou absoluta. E'-nos licito escolher rei. N'este duello de morte ou ha de cahir um throno ou a liberdade d'um povo.

A junta do Porto, nobre e generosa como a causa que defende, soltou os seus prisioneiros de guerra, e mandou-os para o seio de suas familias—a junta do Porto triunfa sem deshonra para os vencedores e para os vencidos. Porque não publica o *Diario* esta acção de extremado cavalheirismo?

Em quanto o ministerio esmaga o povo com tributos, a junta do Porto allivia d'elles o paiz. As grandes providencias são o nosso exercito.

D. Miguel cahiu execrado, assim cahirá a sobrinha com esses vis estrangeiros que querem dominar a nossa terra.

A união de todos os bons portuguezes é um facto grande e portentoso. A corôa já recua—o *programma real* parece já ter esquecido, e o redactor do *Diario* recebeu insinuações para attribuir ao governo esse programma que S. M. até agora *havia formulado e o governo acceito*.

Foi sempre este o costume dos fracos—arrogantes na prosperidade, são uns miseraveis na desgraça.

Não somos nós quem tem a culpa de se afundar esse throno que alevantámos. Saudades d'elle não as temos, e se chorassemos, seria o sangue que por elle derramámos. Deixamo-lo entregue aos Manoeis de Portugal, aos Farinhos, aos Souzas Azevedos, aos Trigueiros, e a todos esses que mostraram outr'ora que a princeza do Grã-Pará, filha d'um imperador estrangeiro não podia ser rainha de Portugal.

Mandou-nos fuzilar a nós que a acclamavamos, defenda-se com os que lhe disputaram a corôa. O *Espectro* não descansará na sua sepultura, nem verá a face de Deus em quanto não baquear a tyrannia; que lhe foi imposto o preceito de annunciar aos reis e aos povos os decretos da Previdencia.

O cabralismo envergonha-se de si mesmo—os que o defendem procuram outro escudo, repellem uma bandeira suja, uma bandeira que foi a da rapina.

Fallamos com um documento na mão, é o boletim do Casal escripto em Braga a 25 de dezembro, poucos dias antes d'aquelle assassino fugir d'aquella cidade para se ir esconder na praça de Valença. Diz esse boletim:

«A soberana não quer chamar os Cabraes aos seus conselhos, porque estes homens fize-

«ram erros, e erros de que a nação se sentirá
«largos annos.»

E logo depois:

«A divisão do barão do Casal faz honra ao
«exercito portuguez, porque ella só nutre em
«seu peito amor á soberana, e ardentes dese-
«jos de sustentar até á ultima gotta de sangue
«as prerogativas da corôa sem que o mais leve
«pensamento se fixe n'esses homens *Cabraes* a
«quem elles votam um inteiro esquecimento.»

Que é isto senão a justificação do movimento
de maio ultimo? Que é isto senão a justificação
da resistencia á emboscada de 6 de outubro?

O Casal é traidor a todos—é-o a nós a quem
hostilizou depois de lhe havermos dado o poder
que humildemente nos pediu—é-o aos *Cabraes* a
quem renega, votando-os ao esquecimento e
exprobrando-lhes os seus erros, que elle está
defendendo! Amaldiçoado por todos lá se vae
esconder nas covas do lobo e nas poternas de
Gaviarra que o commissario paizano lhe abriu
pela traição de um governador!

Casal maldiz os *Cabraes*, e a rainha nomea-os
seus representantes nas côrtes estrangeiras!

Em quem havemos de acreditar—no minist-
terio que se diz cabralista, no *Diario* que de-
fende essa administração que commetteu tantos
erros, na rainha que não se esquece do seu
compadre, e que dá do nosso pão grande fatia
ao afilhado, ou no Casal que vota inteiro es-
quecimento áquelles a quem todos os outros
votam as mais saudosas lembranças?

E teem razão. Saldanha (o perito) com toda
a sua pericia perdeu duas batalhas em 1837
para restaurar a carta, e só pôde fazer obra
por ella depois que os *Cabraes* a restauraram.
Agora deve-lhes votar esquecimento em paga
dos serviços prestados!

Ora nós entendemos que esses senhores não
devem despezar-se assim mutuamente. Pódem
ligar-se porque tanta honra e vergonha tem uns
como os outros. E o *Diario* deve publicar es-
tes famosos boletins.

Lê-se na *Estrella do Norte* o seguinte:

«Consta por algumas cartas de Braga que o
Casal na vespera da sua marcha mandára inti-
mar o ex.^{mo} arcebispo primaz para com elle se
retirar para Valença, mas que o venerando pre-
lado se escondera; e que logo que elle marchou,
partira para a sua casa junto de Coimbra, na
margem esquerda do Mondego.

«A junta provisoria do supremo governo do
reino mandou hontem um official com vinte ca-
vallos ao encontro de s. ex.^a, mas parece que
seguira a estrada de Carvoeiro.»

O *Diario* alludiu á falta de segurança que
existe no Porto, e nós respondemos publican-
do a seguinte portaria. Desejámos que nos
dissem quando é que o governo de Lisboa
praticou um acto de tanta moralidade. Eil-o
ahi:

«Repartição dos negocios do reino.—A jun-
ta provisoria do governo supremo do reino, não
devendo em caso algum tolerar, que seja vio-
lada a segurança individual dos cidadãos quae-
quer que sejam as suas opiniões politicas em
quanto que com sua propalação não prejudicam
a causa nacional, porque ainda n'este caso só
aos tribunaes compete conhecer legalmente de
qualquer acontecimento criminoso: manda em
nome da nação e da rainha pela repartição dos
negocios do reino que o governador civil do
Porto dê todas as providencias e tome as me-
didas, que julgar mais acertadas, para que o
socego e tranquillidade publica não possa de mo-
do algum ser alterado. Repartição dos negocios
do reino, 29 de dezembro de 1846.—*Antonio
Luiz de Seabra*.—Para o governador civil do
Porto.»

Lê-se no *Nacional* do Porto, de 30 de de-
zembro:

«Consta-nos que o ministro inglez em Lisboa
dirigira uma nota ao governo da rainha, pro-
testando contra o decreto dos fusilamentos, co-
mo um insulto que é, feito á humanidade, e á
civilisação.

«No entanto, se o decreto se não tem cumpri-
do tal qual está escripto, o que se tem feito é
mais atroz e infame do que isso, porque fuzi-
la-se, sem nem ao menos um simulacro de con-
selho de guerra. Que o diga Constantim, Vil-
larandelo, Braga, onde, quem foi apanhado foi
no mesmo momento fuzilado e saqueado. É
uma guerra de vandalos. Por isso é que a jus-
tiça divina ha de castigar os auctores de tão
iniquos e atrozes attentados.»

«Do centro da provincia do Minho muitos
chefes teem offerecido a coadjuvação de immen-
sas guerrilhas para hostilisar as forças do as-
sassinio Casal.»

PARTE OFFICIAL

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Tenho a honra de partici-
par a v. ex.^a que depois do triste successo do
dia 24 do corrente, não por minha culpa, por-
que tendo dado as minhas ordens do ataque,
tocaram a retirar, e quando quiz accudir não

pude, e mesmo pela pouca força que tinha, mas logo protestei vingança, e marchando a Meda logo dei as providencias para reunir forças populares, e no dia 26 vim pernoitar ao Freixo de Numão, aonde o 1.º batalhão movel da Guarda se me reuniu, depois de ter feito uma grande marcha debaixo d'agua.

Pelas 4 horas da manhã de hontem me puz em marcha para esta villa, e a um quarto de legua distante esperei as forças do Marçal em numero de 350 homens, formados em cordão com suas reservas, tendo 150 caçadores; cheguei a distancia d'elles cousa de 50 passos, formei a minha linha com as competentes reservas, e vendo que elles obliquavam sobre a direita, ordenei o ataque, ordenando ao major do 1.º batalhão movel da Guarda, Antonio Menino de Deus Botelho, dirigisse a nossa esquerda, o que fez com todo o acerto e bravura, em quanto eu os flanqueava pela direita, o que foi tão rapidamente, que em menos de hora e meia foram totalmente derrotados, a ponto de não poderem passar a Traz-os-Montes 100 homens, e mais foram alguns mortos, prisioneiros 24, e os mais extraviados, e da nossa parte apenas morto um nacional de cavallo por desastre: hoje mandei esquadrihar as margens do Douro a fim de ver se consigo a apprehensão de mais algum extraviado.

Não tenho a elogiar individuo algum em particular, porque a bravura dos populares que tiveram a fortuna de se achar na acção foi inexplicavel, e foram o 1.º batalhão nacional movel da Guarda, commandado pelo seu digno coronel graduado, Adrião Xavier Freire, a força da Meda, pelo meu alferes ajudante, José Maria Firmo, que formava a direita da linha, a de Villa Nova de Foscôa, pelo bravo Manuel Jacintho Pires, a de Celorico e Alverca, pelo sargento Cruz, a de Trovões, pelo escrivão Henrique da Costa Pinto, a de Villa Flôr, pelo Jacob, e a da Pesqueira, pelo doutor José Ferreira. Todas estas forças faziam o numero de 390 populares, incluindo n'este numero a força de Cedovim.

E' tambem para elogiar, e não posso deixar de o fazer, a bravura e denodo dos adminis-

tradores dos concelhos d'esta villa, e do da Meda, Joaquim de Campos Henriques, e João Albino de Frias Pimentel, assim como o filho d'aquelle, José Antonio de Campos, e sobrinho, Adriano de Campos Henriques, e o meu secretario Balthasar de Oliveira Andrade, e o reverendo Aurelio Joaquim Saraiva, assim como todas as pessoas d'esta villa e fóra d'ella, dos nossos sentimentos.

Os rebeldes durante a sua estada praticaram toda a sorte de roubo, excesso e devastação, maximo nas casas de alguns mais compromettidos, por seguirem os sentimentos da nobre causa em que nos achamos empenhados.

Tambem cahiram em nosso poder cavalgaduras, arreios e mais despojos dos rebeldes, e bem assim a propria cavalgadura do famigerado e preverso Marçal.

Deus guarde a v. ex.^a—Quartel em Villa Nova de Foscôa, 28 de dezembro de 1846.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Francisco de Paula Lobo de Avila—Antonio de Gouveia Cabral, coronel graduado.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Tive a honra no dia 28 de levar ao conhecimento de v. ex.^a o detalhe da acção que dei aos rebeldes no dia 27 do corrente, e como não me foi possivel dal-a exacta pela precipitação da sua factura, cumpre-me agora fazel-o, dando a saber a v. ex.^a, que: prisioneiros foram vinte e nove, que hoje remetti para a cidade da Guarda, sendo a maior parte caçadores, e um sargento do 12 de infantaria, mortos 8, afogados no Douro não posso dizer o numero, por isso que vi lançar ao rio muitos, e d'elle não sahirem. Hoje tive uma participação de Moncorvo (onde tenciono ir pernoitar amanhã) de que para esta villa tinham vindo 150 caçadores, e 100 populares, assim como que no dia da acção só recolheram aquella villa (Moncorvo) menos de 100 homens d'uns e outros.—Deus guarde a v. ex.^a—Quartel em Foscôa, 30 de dezembro de 1846.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Francisco de Paula Lobo d'Avila.—Antonio de Gouveia Cabral, tenente coronel graduado.